

# *RABISCO*

**REVISTA DE PSICANÁLISE**

Volume 3, Número 1 - Porto Alegre - Maio 2013

**SEMINÁRIOS**  
**WINNICOTT POA**

© 2013 – RABISCO Revista de Psicanálise

[www.revistarabisco.com.br](http://www.revistarabisco.com.br)

ISSN 2236-3548

Edição:

**SEMINÁRIOS  
WINNICOTT POA**

Av. 24 de Outubro, 838/302

Porto Alegre – RS – Brasil

Revisão: Cleon Cerezer, Luiza Moura e Stela Santos.

Capa: *Árvore da Vida* (Gustav Klimt)

Arte e impressão: [www.graficatriangulo.com.br](http://www.graficatriangulo.com.br)

Tiragem: 300 exemplares

Rabisco Revista de Psicanálise. – Vol. 1, n.0 (jun. 2011)- . –  
Porto Alegre: Seminários Winnicott POA, 2011- . .  
v. ; 20 cm + 1 DVD

Semestral.

Editor: Seminários Winnicott POA.

ISSN 2236-3548

1. Psicanálise I. Seminários Winicott POA II. Título.

CDU 159.964.2 (05)

Catlogação na fonte: Patrícia Guariglia Sousa Cerezer CRB –10/1592

\*As opiniões expressas nos artigos deste periódico são de inteira responsabilidade dos seus respectivos autores.

**Comissão Editorial**

Adriana Mendonça

Beatriz Borges Fortes

Cleon Cerezer

Denise Souza

Jairo Treiguer

José Outeiral

Juliana Fischer

Luiza Moura

Márcia Liane Zart

Michele Melo Reghelin

Stela Marys dos Santos

**Conselho Editorial Internacional**

Adriana Anfusso (Uruguai)

Eduardo Gastelumendi (Peru)

Gabriela Goldstein (Argentina)

Jacqueline Amati-Mehler (Itália)

Joseph Knobel Freud (Espanha)

Leonor Valenti de Greif (Argentina)

Pablo Abadi (Argentina)

Raquel Goldstein (Argentina)

Saul Peña (Peru)

Sonia Abadi (Argentina)

Veronica Indart (Uruguai)

**Conselho Editorial Nacional**

Afrânio Matos Ferreira (SP)

Ana Leão (PR)

Anna Melgaço (RJ)

Eloísa Valler Celeri (SP)

Julio de Mello (RJ)

Luciana Godoy (SP)

Luciane Carneiro (GO)

Márcia Mendes (MS)

Maria Vitória Maia (RJ)

Neyza Prochet (RJ)

Regina Alcântara (CE)

Ruth Goldemberg (RJ)

Sandra Báccara (DF)

Suely Duék (RJ)

Suely Hisada (SP)

Vera Marieta Fischer (PR)

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1. Breakfast at Tiffany's: a clínica criativa</b> .....  | 8  |
| <i>Breakfast at Tiffany's: the creative clinic</i>  |    |
| Lucio Boechat   |    |
| <b>2. Dançando com Freud no passo da Gradiva de Jensen</b> .....  | 19 |
| <i>Dancing with Freud in Jessen's Gradiva</i>   |    |
| Gláucia Maria Teixeira  |    |
| <b>3. A questão da esperança na clínica</b> .....   | 26 |
| <i>The question of hope in clinic</i>   |    |
| Nilce Badaró de Campos Martins e Rita Helena Cucê Nobre Gabriades   |    |
| <b>4. Sobre a técnica na clínica da transicionalidade</b> .....   | 31 |
| <i>About the technique on the clinic of transitionality</i>   |    |
| Lisie Treiguer  |    |
| <b>5. Transicionalidade: setting, resistência, transferência e inferência.</b> .....  | 41 |
| <i>Transitionality: setting, resistance, transference and inference.</i>  |    |
| Adail Ivan de Lemos   |    |
| <b>6. O analista retratista: apontamentos sobre os subterrâneos do trabalho analítico</b> .....   | 47 |
| <i>The Portraitist Analyst: notes on the behind the scenes aspects of analytical work</i>   |    |
| Silvia Lobo   |    |
| <b>7. Entre sonho/sono e transferência/setting: considerações sobre a transicionalidade na clínica psicanalítica. De Freud a Winnicott.</b> ..... | 55 |
| <i>Among dream / sleep and transference / setting: considerations about transitionality in clinical psychoanalysis. From Freud to Winnicott.</i>  |    |
| Nadja Nara Barbosa Pinheiro e Maria Vitória Campos Mamede Maia  |    |
| <b>8. Os pequenos lilases brancos acolhidos por Winnicott</b> .....   | 62 |
| <i>The small white lilac welcomed by Winnicott</i>  |    |
| Marcia Zart   |    |
| <b>9. A clínica da ilusão e sua epistemologia</b> .....   | 70 |
| <i>The clinic of illusion and its epistemology</i>  |    |
| Reinaldo Lobo   |    |

|   |     |
|---|-----|
| <b>10. O holding possível e impossível e suas implicações na clínica</b> .....  | 80  |
| <i>The holding possible and impossible and implications for clinic</i>  |     |
| Angela May  |     |
| <b>11. Rabiscos-brincadeiras: por uma clínica psicanalítica da transicionalidade</b> ...                                    | 87  |
| <i>Scribbles-plays: for a transitional-based psychoanalytic clinic</i>  |     |
| Roberta Elias Manna e Tania Maria José Aiello Vaisberg  |     |
| <b>12. A cultura como campo de cuidado e viver criativo na atenção ao sofrimento psíquico grave</b> .....                   | 94  |
| <i>Culture as a field of care and attention to creative living in severe psychological distress</i>                         |     |
| Filipe Willadino Braga e Ileno Izídio da Costa  |     |
| <b>13. Sobre o sentimento de consideração com o outro (concern)</b> .....   | 101 |
| <i>About the concern for the other</i>  |     |
| Michele Melo Reghelin   |     |
| <b>14. Agonias Primitivas: La clínica del derrumbe</b> .....  | 109 |
| <i>Agonies Primitives: the collapse clinic</i>  |     |
| Joseph Knobel Freud   |     |
| <b>15. Uma provisão ambiental adaptativa especial: sobrevivendo ao ódio de quem?</b> .....                                  | 117 |
| <i>A special adaptive environmental provision: surviving to hatred?</i>   |     |
| Fernanda Real Dotto   |     |
| <b>16. A importância dos fatores ambientais como facilitador do holding na relação mãe-bebê</b> .....                       | 124 |
| <i>The importance of environmental factors as facilitator of the holding in the relationship mother-baby</i>                |     |
| Hi Ryung Kim; Cláudia Nabarro Munhoz; Maria Lydia Manara de Mello; Ivonise Fernandes da Motta; Kayoko Yamamoto e Ryad Simon |     |
| <b>17. O louco sou eu: dissociação entre o elemento feminino e o elemento masculino</b> .....                               | 133 |
| <i>I am the crazy: dissociation between the feminine and the masculine element</i>  |     |
| Beatriz Borges Fortes   |     |

## 11. RABISCOS-BRINCADEIRAS: POR UMA CLÍNICA PSICANALÍTICA DA TRANSICIONALIDADE

*Scribbles-plays: for a transitional-based psychoanalytic clinic*

Roberta Elias Manna <sup>23</sup>

Tania Maria José Aiello Vaisberg

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o uso de enquadres transicionais segundo o estilo clínico *Ser e Fazer*, que vem sendo desenvolvido na Universidade de São Paulo desde 1992. Tais enquadres se configuram pelo uso de materialidades mediadoras e pela visão de que a provisão de *holding* favorece movimentos mutativos no sentido de superação de dissociações e conquista de maior integração pessoal. Esta exposição inclui argumentação que visa demonstrar como as materialidades mediadoras prestam-se a ser usadas como rabiscos brincantes, a partir da adoção de uma perspectiva teórica que valoriza o acontecer clínico enquanto encontro inter-humano.

**Palavras-chave:** psicanálise winnicottiana, transicionalidade, brincar, enquadres diferenciados.

### Abstract

This paper aims at presenting the use of transitional setting according to the *Ser e Fazer* clinical style, which has been in development in the University of São Paulo since 1992. Such settings are configured by the use of mediating materials and by the notion that providing holding favors changing movements towards overcoming dissociation and conquering greater personal integration. This exposition includes arguments that aim to demonstrate how mediating materials allow for use as playful scribbles, when adopting a theoretical perspective that values the clinical happening as a inter-humane encounter.

**Key words:** winnicottian psychoanalysis, transitionality, playing, differentiated settings.

A clínica psicanalítica na atualidade tem vivido uma ampliação para além dos consultórios particulares, do atendimento individual com divã, oferecido para pacientes

---

<sup>23</sup> A psicóloga Roberta Elias Manna supervisiona atendimento realizado em Oficina *Ser e Fazer*, por alunos de graduação a idosos em uma ILPI (instituições de longa permanência para idosos), a adolescentes e adultos em clínica-escola e a funcionários de um cemitério na cidade de Guarulhos.

previamente selecionados e com certo poder aquisitivo e intelectual. Encontramos cada vez mais pessoas sendo atendidas por psicanalistas em instituições as mais variadas, desde hospitais, ambulatórios e postos de saúde, escolas, prisões, varas de família, instituições de longa permanência para idosos, clínicas-escola, cemitérios e ambientes abertos como parques e ruas.<sup>24</sup>

Na clínica, seja em consultório particular, seja nas instituições as mais variadas, pessoas que anteriormente não procuravam, ou não eram encaminhadas para, atendimento psicológico têm cada vez mais chegado até profissionais da saúde mental. Este é o caso de idosos, cuidadores de idosos (MANNA, 2013), adolescentes, gestantes, indígenas, mulheres vítimas de violência, moradores de cortiços ou de favelas, pacientes com doenças orgânicas e pessoas em situação de vulnerabilidade social, além dos pacientes da saúde mental. Podemos considerar que aqueles que anteriormente ficavam excluídos, por não se encaixarem ao perfil dos pacientes que se dirigiam à análise padrão, passaram a demandar o desenvolvimento de novas formas de intervenções, mais inclusivas, que não devem deixar de ser aprofundadamente compreensivas.

Num contexto social marcado por condições de vida difíceis, em países tais como o nosso, indivíduos e coletivos enfrentam padecimentos emocionais que se vinculam ao enfrentamento da dureza de um dia a dia concretamente dificultoso. Inúmeras vezes apresentam queixas de vazio, falta de sentido na vida e frustração frente a uma realidade distante e fria, incapaz de atender minimamente às necessidades de subsistência, reconhecimento e realização. Queixam-se da impossibilidade de momentos de descanso, da falta de espaços em que possam se colocar genuinamente, em que possam sentir que a vida vale a pena ser vivida, em que se sintam criadores, ativos, presentes e simultaneamente seguros. As condições que viabilizam a criação e constituição de uma clínica inclusiva repousam, em termos de fundamentação psicopatológica, sobre o reconhecimento de que todo sofrimento emocional se funda na cisão e no afastamento de si. Do ponto de vista da psicopatologia winnicottiana, pode ser considerado como a raiz a partir da qual se desenvolvem diferenciadamente as várias apresentações clínicas, conhecidas como pacientes *borderline*, adictos, antissociais, psicossomáticos, bulímicos, anoréxicos, normopatas, depressivos e personalidade falso *self*, entre outros.

Frente a esta realidade, uma clínica da transicionalidade passa a ser essencial como forma de cuidado, com a oferta de ambiente suficientemente bom para que uma nova

---

<sup>24</sup> Aqui nos referimos ao Acompanhamento Terapêutico com enfoque psicanalítico.

experiência, em uma nova relação, possa ser vivida como fundante de um recomeço. A constituição de um espaço brincante, no qual o que é próprio ganha validade a partir do encontro com o olhar do outro, do reconhecimento de um gesto espontâneo, permite que comunicação emocional profunda possa se dar de forma lúdica e facilitada pela gestualidade e inventividade dos participantes.

O presente trabalho tem como objetivo a apresentação do estilo clínico *Ser e Fazer* e a sustentação de que as materialidades mediadoras são nele utilizadas como rabiscos winnicottianos. Este estilo se concretiza por meio de diferentes enquadres de trabalho, cuja potencialidade mutativa vem sendo investigada num espaço acadêmico, no qual se articulam pesquisa e atendimento clínico, conhecido, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como "*Ser e Fazer*": Oficinas Psicoterapêuticas de Criação. Toda a movimentação clínica e investigativa orienta-se, assim, por uma leitura particular da obra winnicottiana, que a considera como pensamento que atende às exigências de uma psicanálise concreta, sintonizando-se com a valorização ética da extensão dos benefícios oriundos de conhecimento, produzido pela psicanálise, a um contingente maior da população.

Partindo do método psicanalítico, que entende que não há limites para a compreensão do sofrimento humano, os enquadres *Ser e Fazer* constituem-se como espaço brincante, nos quais a comunicação emocional possa se dar de forma lúdica, facilitada pela presença de um terapeuta capaz de sustentar o encontro. Inspirados pelo jogo do rabisco (1964/1994; 1965/1994; 1971b/1984) e pelo jogo da espátula (1941/1993) de Winnicott, e pelo reconhecimento da importância integradora de se vivenciar uma experiência completa, temos utilizado materialidades diversas, apresentadas como rabisco brincante. Realizamos oficinas de bordado-rabisco<sup>25</sup>, flor-rabisco, vela-rabisco, argila-rabisco, cores-rabisco, desenhos-estória-rabisco, compreendendo cada materialidade como o jogo que o terapeuta gosta de jogar. Tal qual o jogo do rabisco, as oficinas-rabisco *Ser e Fazer* têm o objetivo de criar ambiente facilitador da comunicação emocional, pelo descanso propiciado pelo clima de brincadeira e espontaneidade. Cada materialidade é utilizada como um rabisco, apresentada pelo analista como seu jogo favorito, que ele gosta de jogar. A apresentação da materialidade-rabisco constitui-se,

---

<sup>25</sup> A psicóloga Roberta Elias Manna criou e coordena duas Oficinas Psicoterapêuticas de Tapeçaria e Outros Bordados, uma na sala 211 da Clínica Psicológica Durval Marcondes, do IPUSP, e outra na Unidade de Referência à Saúde do Idoso da Prefeitura de São Paulo, SMS.

assim, como a apresentação do analista, como seu estilo próprio de ser e estar.

Cabe aqui perguntar: “é possível rabiscar bordados? É possível rabiscar arranjos florais? É possível rabiscar Desenhos-Estória? Ou para que o jogo de rabisco de Winnicott aconteça é necessário que o fazer seja concretamente o rabisco desenhado? Os diversos atendimentos e pesquisas realizados na *Ser e Fazer* (PROCHET, 1993; AIELLO-VAISBERG, CORREA, AMBROSIO, 2000; AIELLO-VAISBERG et al, 2002; VITALI, AIELLO-VAISBERG, 2003; VITALI, 2004; AIELLO-VAISBERG, AMBROSIO, CORREA, 2005; MANNA, VAISBERG, 2006; TACHIBANA, 2006; GRANATO, AIELLO-VAISBERG, 2008; TACHIBANA, AIELLO-VAISBERG, 2008; AMBROSIO, AIELLO-VAISBERG, 2008; 2009; MANNA, 2013) têm nos feito compreender que os rabiscos são tantos quanto a inventividade do terapeuta possa criar/brincar. O que torna uma materialidade rabisco não é sua propriedade intrínseca<sup>26</sup>, capaz de facilitar determinados aspectos humanos, a fluidez do guache ou a dureza da argila, mas sim a capacidade do terapeuta de fazer uso brincante e transformador, e de facilitar que o paciente também o faça. Encontramos, com muita frequência, pacientes impossibilitados de brincar e rabiscar com a materialidade proposta. Nestes casos, o trabalho terapêutico será acompanhá-lo, em seu tempo e possibilidade, sustentando pequenos gestos espontâneos e verdadeiros.

Auxiliados por Winnicott (1971a), entendemos que o que torna uma materialidade brincante e, portanto, um rabisco, *não é tanto o objeto e sim o uso que podemos fazer dele*. O objeto, com sua materialidade e concretude, tem importância na medida em que cada analista é capaz de usar, no sentido winnicottiano do termo, alguns, mas não todo e qualquer objeto. Portanto, a escolha do objeto-rabisco tem importância, na medida em que este seja um facilitador da gestualidade espontânea e criadora do analista. A materialidade-rabisco de um terapeuta é aquela que o ajuda a sustentar o encontro, *é o jogo que ele gosta de jogar*. Esta consideração nos faz entender que, para alguns analistas, o rabisco-desenho utilizado por Winnicott pode não se fazer rabisco, pois não é uma técnica a ser aplicada independente de quem a utiliza. Se rabiscar numa folha em branco for algo penoso e desconfortável, o analista terá dificuldades para transformar este gesto em rabisco-brincadeira, pois terá que investir em se manter inteiro diante de uma tarefa<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Entendemos que cada material tem características, tanto próprias como construídas cultural e socialmente, porém não são estes atributos que possibilitam que se torne rabisco e sim a relação que pode ser vivida em seu uso.

<sup>27</sup> A escolha da palavra “tarefa” se refere à ideia de algo externo, com percurso previamente determinado, e que, portanto, não reflete a inventividade de quem a faz. Pode facilmente ser vivida como submissão.

No jogo de rabisco de Winnicott não há procedimentos corretos que devem ser seguidos como um manual, com uma neutralidade que apaga a personalidade de quem o rabisca. O rabisco, seja ele qual for, pede presença e espontaneidade, sabendo que *o piquenique é do paciente*. Isto significa que o analista se coloca nesta brincadeira com sua marca e jeito próprio de estar no mundo, porém, o tom do acontecer é dado pelas necessidades do paciente. Sobre este ponto, Winnicott fala que se surpreenderia, caso os desenhos-rabisco que realizava em suas consultas terapêuticas fossem iguais em mais de um paciente. Sabiamente, o psicanalista inglês aponta que, apesar de colocar-se sem neutralidade e apagamento, deixando surgir sua maneira de ser nos encontros brincantes, os desenhos-rabisco são diferentes de um paciente para outro, por apresentarem a comunicação emocional daquela pessoa e não do analista. Isto porque Winnicott colocava sua capacidade de brincar (1971a) e a si próprio a serviço da necessidade do paciente.

A compreensão de que apenas o rabisco-desenho, utilizado por Winnicott em suas consultas terapêuticas, teria a capacidade de se fazer rabisco, portanto gesto brincante, não nos parece condizente com o espírito inventivo deste jogo e deste analista. Seria o mesmo que considerar o jogo do rabisco como uma técnica que não permite transformações e criação, pois deve ser mantida e seguida tal qual seu fundador a propôs. Esta postura conservadora coloca no material, e não na possibilidade de viver algo novo acompanhado, o benefício obtido. Entendemos que é no encontro inter-humano, que por si só já é um rabisco, que o jogo se dá, pois a maneira de ser e fazer de cada um contribui na criação de uma experiência vivida a dois ou mais pessoas.

Assim, se considerados como formas sofisticadas de brincar, os rabiscos-brincadeiras *Ser e Fazer* podem ser vistos como movimentos humanos, que têm lugar em campo intersubjetivo, por meio dos quais pode ser favorecida a superação de dissociações defensivas e retomado o caminho do amadurecimento pessoal.

## Referências

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; CORRÊA, Y. B.; AMBROSIO, F. F. (2000) Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. Anais do IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott, 331-341, Rio de Janeiro, 2000. Disponível na World Wide Web:[<http://www.serefazer.com.br/site/public/t1.htm>].
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; CORREA, Y.B.; MICELLI-BAPTISTA, A.; FIGUEIRA, B.P. G.; FAIÃO, F. C.; SILVA, R. S.; CASTRO, A. R.; FIORINI, A.; SEARA, R. S. S. A Oficina de Rabiscos e Outras Brincadeiras: o Uso de Marionetes e o Atendimento a Crianças com Desordens Emocionais

- Severas. In: Tânia Maria José Aiello Vaisberg; Fabiana Follador e Ambrósio. (Org.). *Trajetos do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão*. Trajetos do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão. 1ed. São Paulo: Universidade de São Paulo - Instituto de Psicologia, 2002, v. 1, p. 80-83.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Sofrimento Humano e Práticas Clínicas Diferenciadas. In: Tania Maria José Aiello Vaisberg; Fabiana Follador e Ambrósio. (Org.). *Trajetos do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão*. 1 ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002, v. 1, p. 6-14.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; AMBROSIO, F.F; CORREA, Y.B. Encontros Brincantes: O Uso de Procedimentos Apresentativo-Expressivos na Pesquisa e na Clínica Winnicottiana. In: Tania Maria José Aiello Vaisberg; Fabiana Follador e Ambrósio. (Org.). *Cadernos Ser e Fazer: Reflexões Éticas na Clínica Contemporânea*. Cadernos Ser e Fazer: Reflexões Éticas na Clínica Contemporânea. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005, v., p. 55-67.
- AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; AMBROSIO, F.F. O Estilo Clínico Ser e Fazer como Experiência Brincante. In: Afranio de Matos Ferreira, Imgard Birnosser de Matos Ferreira, Maria Helena Badra Maaz, Sandra Tshirer. (Org.). *A Presença de Winnicott no Viver Criativo - Diversidade e Interlocação*. A Presença de Winnicott no Viver Criativo - Diversidade e Interlocação. 180 ed. São Paulo: Editora Zy Ltda. 2009. p. -174.
- AMBROSIO, F.F.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. As materialidades-rabisco da Ser e Fazer. In: XIII Colóquio Winnicott, 2008, São Paulo. XIII Colóquio Winnicott. Os Casos Clínicos de Winnicott. São Paulo: ed. Leopoldo Fungencio, 2008.
- AMBROSIO, F.F.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O estilo clínico ser e fazer como proposta para o cuidado emocional de indivíduos e coletivos. *Revista da SPAGESP*, v. 10, p. 39-44, 2009.
- BLEGER, J. (1963) *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- CAMARGO-ARÓS, A.C.S.P. *Irrealidade, Futilidade e Vazio: Sofrimentos Radicais e Sociedade Contemporânea*. 2009. Tese. 216f (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa em Pós-graduação em Psicologia, Campinas, 2009.
- GRANATO, T.M.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Rabiscando o imaginário sobre o cuidado materno: o uso de narrativas interativas na pesquisa psicanalítica. In: Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia, 2008, Campinas. Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia: Pesquisa Qualitativa na Saúde Mental: Perspectivas Psicanalíticas e Fenomenológicas. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008. p. 427-435.
- HERRMANN, F. (1979). *Andaimos do real: o método da psicanálise*. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 328p.
- HERRMANN, F. Pesquisando com o método psicanalítico. In: *Pesquisando com o método psicanalítico*. Organizadores: Herrmann, F.; Lowenkron, T. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 43-83.
- MANNA, R. E. O imaginário coletivo de cuidadores de idosos na saúde pública: um estudo

- psicanalítico. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2013.
- MANNA, R.E.; VAISBERG, T.M.J.A. Oficina Psicoterapêutica de Tapeçaria e Outros Bordados: Bordando a Vida Ponto-a-Ponto. In: Cadernos Ser e Fazer: Imaginários Coletivos como Mundos Transicionais./Organizado por Tânia Aiello-Vaisberg e Fabiana Follador e Ambrosio. – São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006. – p.95-115.
- POLITZER, G. (1928). Crítica aos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise. Piracicaba: UNIMEP, 1998.
- PROCHET, N.M.S. O Jogo de Rabisco: um espaço compartilhado. Reflexões sobre a contribuição de Winnicott sobre o diagnóstico psicológico. 1993. 0 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de São Paulo, . Orientador: Tania Maria Jose Aiello Vaisberg.
- TACHIBANA, M. Rabiscando desenhos-estórias: Encontros terapêuticos com mulheres que sofreram aborto espontâneo. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Tania Maria Jose Aiello Vaisberg.
- TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Rabiscando desenhos-estórias com mulheres que sofreram aborto espontâneo. In: XIII Colóquio Winnicott, 2008, São Paulo. XIII Colóquio Winnicott Os Casos Clínicos de Winnicott. São Paulo: ed. Leopoldo Fungencio, 2008.
- VITALI, L.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Flor-Rabisco: A Oficina Psicoterapêutica de Arranjos Florais. In: Tânia Maria José Aiello Vaisberg; Fabiana Follador e Ambrósio. (Org.). Cadernos Ser e Fazer. Cadernos Ser e Fazer. 1ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003, v. 1, p. 141-152.
- VITALI, L.M. Flor-Rabisco: Narrativa Psicanalítica de uma Experiência Surpreendente. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de São Paulo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Tania Maria Jose Aiello Vaisberg.
- WINNICOTT, D. W. (1962) Os Objetivos do Tratamento Psicanalítico. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 152-155, 1983.
- WINNICOTT, D. W. (1964) O Jogo do Rabisco. In: Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 230-243, 1994.
- WINNICOTT, D. W. (1965) O valor da Consulta Terapêutica. In: Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, p.244-248, 1994.
- WINNICOTT, D. W. (1968) O uso do objeto. In: WINNICOTT, D. W. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- WINNICOTT, D. W. (1971a) O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- WINNICOTT, D. W. (1971b) Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1984.
- WINNICOTT, D. W. (1941) A observação de bebês em uma situação estabelecida. In: Textos selecionados : da pediatria à psicanálise. (trad. Por J. Russo). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958 / 1993.